

A representação da experiência espiritual na literatura: Uma tentativa de aproximação entre literatura e teologia

Cíntia Marítz dos Santos Ferraz Machado¹

RESUMO: Este trabalho aborda da influência religiosa dentro da Literatura. A Teologia, ciência que trata do ser humano, é, portanto antropológica, pois pretende ser conhecimento especulativo e racional sobre a natureza de Deus e suas relações com o homem. A Literatura também trata dos homens, dos seus sonhos, do seu modo de viver, enfim, é conhecimento ficcional e representação do mundo, pois lança seu olhar sobre a realidade e os homens inseridos nela. Logo Teologia e Literatura têm algo em comum.

Palavras-chave: Literatura; Teologia; Influência; Antropologia

ABSTRACT: This paper focuses on the religious influence within the literature. Theology, science that deals with the human being is therefore anthropological because they want to be rational and speculative knowledge about the nature of their relationship with God and man. The literature also deals with men, their dreams, their way of living, in short, is knowledge and representation of the fictional world, it sets his sights on the reality and the men within it. Literature and Theology soon have something in common.

Key-words: Literature, Theology; Influence; Anthropology

1. O caminho da representação

Qual o mistério envolvido nos estranhos caminhos por meio dos quais Deus vem ao encontro dos homens?

A partir desta questão, que se toma por linha orientadora do debate atual sobre teologia e espiritualidade, José Carlos Barcellos tenta nos mostrar e fazer compreender que, dentre os caminhos que buscamos para o encontro e a comunhão de amor com Deus, com os quais nos é proporcionada a plenitude da experiência espiritual, está a busca das experiências concretas que se dão através de Cristo. A espiritualidade cristã se faz, portanto, dinâmica por ser imagética – Cristo é a pessoa que representa o caminho que conduz à Unidade - e destarte encarnatória².

¹ Mestranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Viçosa, MG.

² BARCELLOS, José Carlos. *Literatura e Espiritualidade: uma leitura de Jeunes Années, de Julien Green*. Bauru, SP: EDUSC, 2001. P. 18

A partir de então, com base no paradigma que se estabelece, do qual Cristo é o representante, ainda em perspectiva cristã é preciso reconhecer que falar de espiritualidade é considerar uma enorme e multiforme variedade de situações existenciais de onde confluem a manifestação do Espírito Santo e o encontro com o Deus da Revelação, uma vez que intervêm fatores e valores diversos, que se convertem enquanto experiência de comunhão, serviço e testemunho. Essa experiência é o elemento fundamental de qualquer espiritualidade cristã, pois é nas realidades humanas e através delas que se dá o encontro de Deus com o homem por meio de seu Filho³.

De acordo com Alonso Schokel (1992), autor que estuda a Bíblia à luz da Ciência da Linguagem,

linguagem significa a *capacidade* humana radical de expressar-se: com o seu duplo movimento de nomear e compor, de articular e diferenciar. A capacidade humana de comunicação social, interpessoal. A capacidade humana de humanizar o mundo, de criar um novo mundo, à imagem do homem, revelador do homem (SCHOKEL, 1992: 85, grifo do autor).

Nessa mesma esfera, o encontro com Deus se nos faz por intermédio da linguagem, ou seja, por meio do discurso, visto que as experiências espirituais só se nos tornam acessíveis por intermédio da comunicação. Essa experimentação espiritual - que nos leva ao encontro com Deus - segue o caminho da analogia no que tange às questões da linguagem. Se escutamos a palavra de Deus e enxergamos nela a Sua força, e se queremos descrever ou discorrer sobre Deus, temos então Cristo como meio único e privilegiado para O conhecer, considerando, assim, sua natureza divino-humana. Portanto, se queremos conhecer algo da palavra divino-humana, devemos seguir o caminho do intercâmbio de predicados aplicado ao conceito de linguagem; e devemos descrever a realidade humana assumida por Deus de acordo com Schokel (1992)⁴. Esse processo analógico nos leva a compreender muito da palavra divina e do que dela se desencadeia, mas sendo analogia, é importantíssimo lembrar que tem limites.

Assim, um texto literário imbricado de ou pela inspiração divina conserva para nós palavras e ações dispostas em um determinado momento; essa realidade literária é um

³ Id, p. 19

⁴ SCHOKEL, L. Alonso. *A Palavra Inspirada – A Bíblia à luz da Ciência da Linguagem*. São Paulo: Edições Loyola, 1992, 3 ed.

instrumento de que dispomos para chegar a Deus, tendo em vista que se constituem realidades patentes para cada geração.

Então, torna-se necessário adotar um segundo sentido para o termo linguagem, que é o *uso individual* que uma pessoa pode fazer conforme sua realidade social. Como sistema de formas significativas e possibilidades expressivas e imagísticas, a linguagem atualiza-se no seu uso individual, podendo até adquirir forma artística. Estes sistemas são concretos e significativos de palavras e, portanto, fixados numa tradição oral, e, muitas vezes, por meio da escrita.

É necessário considerar ainda que a comunicação é uma via de mão dupla. Se levarmos em consideração a idéia de que em todo discurso sempre temos um locutor e um interlocutor que buscam se influenciar, logo, a comunicação se torna acessível também ao pensamento crítico e à pesquisa, tendo em vista o conceito bakhtiniano de dialogismo. Para Bakhtin (1997), o *dialógico* por princípio define um traço constitutivo do uso da linguagem concreta, viva, no evento do ser, ou seja, em todas suas realizações. Sobre cada enunciação da linguagem concreta, além de seu dialogismo intrínseco, constituidor do sujeito, incidem outras linguagens, numa rede que engloba não só os interlocutores, mas também os objetos, objetos estes que se apresentam saturados de linguagem e valor⁵.

Nesse sentido, Gerson Roani (2003) também aponta o jogo dialético que se instaura no ato da leitura comprometida, de maneira que a assimilação do universo narrativo e a repulsa ou desconstrução de suas variantes compõem o processo interativo que induz à leitura do texto como obra aberta à medida que requerido pelo sujeito. Para clarificar sua assertiva, e em consenso com Umberto Eco (1991, p. 40) afirma que a obra de arte é produzida e organizada como um conjunto de efeitos comunicativos que permitem ao apreciador recompreender a forma originária imaginada pelo autor.⁶ E mais:

A obra de arte é acabada em si, embora a sua compreensão seja enpreendida em consonância com a situação existencial do apreciador, a cultura em que está inserido, os gostos, tendências e preconceitos pessoais. A reflexão do crítico italiano aponta para uma compreensão da forma a partir de perspectivas múltiplas, manifestando riqueza de aspectos e ressonâncias sem deixar de ser ela própria. Em outras palavras, a noção de obra aberta pode ser entendida como fechada e acabada

⁵BAKHTIN, M. M. *O discurso em Dostoiévski*. IN: Problemas da poética de Dostoiévski/ Mikhail Bakhtin. Tradução de Paulo Bezerra. -2 ed.- Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

⁶ECO, Umberto. *A obra aberta*. São Paulo: Perspectiva, 1991 apud ROANI, Gerson. *Literatura e Judaísmo: o rosto judeu de Borges*. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2003.

em sua forma, mas simultaneamente aberta, passível de múltiplas interpretações, que não alteram nem esgotam sua singularidade (ROANI, 2003, p.16).

Posto que a leitura é um processo diretamente vinculado às condições culturais, históricas e existenciais, podemos perceber a existência de uma enorme variedade de condições que influenciam tanto a leitura como a própria composição de uma obra literária. Em relação à linguagem religiosa, de acordo com José Carlos Barcellos (2001),

a espiritualidade, sendo experiência humana do divino, ganha inteligibilidade e visibilidade, quer no âmbito pessoal, quer no sócio cultural, ao ser plasmada numa linguagem. Como qualquer outra experiência humana, a espiritualidade é sempre uma experiência *interpretada*. É no espaço da linguagem que inúmeras e variadíssimas experiências espirituais podem ser reconhecidas como tais (2001, p. 19, grifos do autor).

Nesta ordem de idéias, a experiência religiosa encontra na linguagem o instrumento de mediação de modo a expressar-se, mas muito além, inserir-se e articular-se. Assim, essa mesma experiência é, pois, “um fato lingüístico, e, a partir do ponto em que quis se revestir de arte, uma obra literária”⁷. Assim, nas palavras de José Carlos Barcellos (2001),

É como texto que a espiritualidade se apresenta à interlocução e ao debate, texto esse muitas vezes marcado por alto grau de literariedade. Eis porque as relações entre espiritualidade e literatura se impõem cada vez mais como tema privilegiado, tanto do pensamento teológico, quanto dos estudos literários (Barcellos 2001).

2. Literatura e Teologia: aproximações

Como diz Ferraz (2003), “a necessidade de um deus remonta às mais antigas civilizações”⁸. A humanidade, mesmo comunidades afastadas da civilização, desde os tempos mais remotos busca compreender o que acontece consigo e com sua volta, bem como entender o sentido da própria existência por meio dos deuses e das entidades míticas. O homem encontra na fé explicações, razões e apoio para comportamentos, acontecimentos e ações em sua vida.

O nascimento de Cristo – Deus encarnado – foi, pois, o marco da maior religião ocidental, o cristianismo. Mais além, podemos dizer que não há Ocidente sem a idéia

⁷ MANCHO DUQUE, Maria Jesús. In: Id. (Ed.). *La espiritualidad española del siglo XVI: aspectos literarios y lingüísticos*. Salamanca: Universidad de Salamanca, 1990. P.7. apud BARCELLOS, José Carlos. *Literatura e Espiritualidade: uma leitura de Jeunes Années, de Julien Green*. Bauru, SP: EDUSC, 2001. P. 18

⁸ FERRAZ, Salma. As faces de Deus na obra de um ateu. Blumenau: Edifurb, 2003, p. 19 - 21

monoteísta de Deus. Sua imagem paira diante de todos os homens e o cristianismo está, portanto, na base de toda a cultura e de toda a História do Ocidente⁹.

Os cristãos seguem a palavra de Deus e acreditam na Trindade Pai, Filho e Espírito Santo e têm a Bíblia como livro sagrado. Esta é por sua vez uma reunião, ou melhor, uma antologia de textos que são organizados em dois grandes blocos, que numa perspectiva discursiva são denominados Velho Testamento e Novo Testamento. O marco divisório entre os dois é o nascimento do menino-Deus, que para os cristãos assinala a passagem da Antiga Aliança para a Nova.

Em ambos, Deus revela-se a nós na história humana e principalmente através do humano. É o que acontece, por exemplo, no Antigo Testamento, em que Deus se revela através de Moisés e da história de seu povo. Já no Novo Testamento o Deus cristão se revela aos homens através da presença direta de Jesus, enviado pelo Pai. Deus se comunicou aos homens através de acontecimentos da história e da vida humana durante toda a história da humanidade e assim o faz até hoje. Jesus pregava através de parábolas - histórias de ensinamentos humanos, que, aliás, são muito próximas da literatura.

Segundo Ferraz (2003), a Bíblia está entre os maiores *best-sellers* de todos os tempos e é uma obra clássica da literatura mundial¹⁰. Através dela se estabelece o elo de ligação entre Teologia e Literatura, já que “a literatura ocidental tem sido mais influenciada pela Bíblia do que qualquer outro livro”, como afirma Frye (1973, p. 21). O cristianismo tornou-se então, o pré-requisito para compreender a sociedade e a cultura em que vivemos.

Seguindo esta linha de raciocínio, uma obra literária sempre será construída com base na referência cultural que lhe deu origem. De acordo com Manzatto (1994) “se a literatura é influenciada por seu meio, ela exerce também uma influência sobre as pessoas, sobre a sociedade à qual é dirigida ou com a qual ela dialoga”¹¹. Desta maneira, apoiando-nos nas noções bakhtinianas que acima foram expostas, estabelece-se a relação dialógica, uma vez que a literatura não nos separa do mundo, mas sim nos coloca em uma relação mais direta com ele.

⁹ FRYE, N., *The Great Code: the Bible in Literature*, apud FERRAZ, Salma. *As faces de Deus na obra de um ateu*. Blumenau: Edifurb, 2003, p. 10

¹⁰ FERRAZ, Salma. *As faces de Deus na obra de um ateu*. Blumenau: Edifurb, 2003, p. 19 - 21

¹¹ MANZATTO, Antônio. *Teologia e Literatura, reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado*. São Paulo: Edições Loyola, 1994

No caso da Bíblia, base da Revelação cristã, podemos dizer que é uma obra literária que se serve de alguns gêneros literários - já que é uma antologia de textos - para comunicar-se com os homens. A narração – lembremo-nos das parábolas – é, talvez, a forma mais apropriada para falar-se do Deus que se mostra aos homens na história¹².

Mas, se Teologia é uma ciência e Literatura é uma arte, como podem elas estabelecer relações recíprocas?

Se Ciência e Literatura tratam dos homens, do ser humano, logo Teologia e Literatura têm algo em comum. Diferentemente das Ciências que trabalham com fatos, a Literatura se faz por meio de imagens, símbolos e sugestões. Portanto, ambas se referem e se relacionam com o mundo e com os homens, porém de forma diversa. A Literatura é conhecimento ficcional, e enquanto representação do mundo, portadora de uma cosmovisão, lança seu olhar sobre a realidade, os homens que nela se inserem, os sonhos humanos, seus valores, aprendizados. Segundo Manzatto (1994),

[...] ela fala sempre do homem, apresenta-o, critica-o, mostra o homem vivendo. Sua ocupação é sempre o homem, o homem concreto, situado. Nesse sentido ela é antropocêntrica. É por esse antropocentrismo radical da arte literária que ela pode interessar à teologia. Para nós, trata-se de buscar ver onde e como esse antropocentrismo radical da literatura pode-se ligar a uma antropologia teológica (MANZATTO, 1994, p. 7)

A Teologia pretende ser conhecimento especulativo e racional sobre a Natureza de Deus e suas relações com os homens. Ainda em relação à oposição entre Ciência e Literatura, podemos ponderar que as ciências também são capazes de patentear uma antropologia. Contudo, não são capazes de fazê-lo como a literatura, que tudo pode ver, uma vez que estão cerceadas pelos limites da racionalidade. Ainda que fossem hábeis na captação do ser humano, não abrangeriam todas as nuances que somente o contato e a experiência direta podem perceber e proporcionar. Isso também é claro aos olhos de Manzatto (1994) quando afirma:

A literatura, diferentemente das outras artes, serve-se da palavra para exprimir-se, e assim ela aproxima-se da razão lógica que também exprime-se ela linguagem. Mas a literatura, respeitando as exigências lógicas da linguagem, deve ultrapassá-la, ir mais longe, recorrer à metáfora. Isso porque a literatura não tem, como os escritos científicos, apenas um objetivo didático; ela não tem necessariamente obrigação de instruir ou informar, ainda que isso não lhe seja proibido. A linguagem literária,

¹² Ver Ferraz. p.10

enquanto arte, deve agradar, deleitar, relacionar-se com a beleza. Porque artística, a linguagem literária não existe sem relações com o belo (MANZATTO, 1994, p. 24)

As artes nunca foram bem vistas pela Teologia, e ao se relacionarem com esta, funcionaram apenas como uma espécie de apêndice para difundir sua mensagem. É o exemplo das músicas sacras, da pintura sacra, da literatura sacra e assim por diante¹³. As artes e em especial a Literatura foram consideradas meios de vulgarização da mensagem teológica por muito tempo, uma vez que a Teologia apóia-se na revelação de Deus e na fé.

Como as artes são claramente uma forma de comunicação, possuem, portanto, uma mensagem própria - não através de conceito como o faz as ciências, mas por símbolos e imagens. Para expressar suas mensagens ou clarear suas reflexões, durante muitos séculos a teologia contou com a ajuda da filosofia. Assim o faz até hoje, mas em diálogo também com a história, a lingüística a sociologia, a antropologia, entre outros. Fato é que hoje as relações entre a arte e a teologia mudaram.

A Literatura pode ajudar a completar a visão que a Teologia tem do homem, uma vez que cuida da relação homem/ estar no mundo por um viés distinto das ciências. Isso não quer dizer oposição, mas sim, complementaridade, pois o encontro da Teologia com o homem permitirá aprofundar suas reflexões sobre Deus a partir da experiência direta. Se vista do lado de fora, cercada pelos liames da razão positivista, a relação do homem com o estar no mundo não oferecerá nenhum horizonte de compreensão.

Pondo em cena o homem, seus sonhos, suas contradições, suas aspirações e revoltas, suas ousadas e prudências, enfim, suas questões diante dos outros homens e de si mesmo, a literatura interessa-se por tudo aquilo que lhe diz respeito. Para chegarem a uma melhor compreensão, diversas áreas científicas aproveitaram-se de seu conteúdo - como o fez a teologia, que também tem como foco o homem em suas relações e seus comportamentos para com Deus como já afirmamos – já que a confecção de uma obra literária envolve todo um processo de desenvolvimento da palavra e de seus matizes, utilizando para isto, elementos psicológicos, lingüísticos, religiosos, culturais e sociais. Manzatto (1994) pondera que não há nada de anormal nisso, pois “a literatura, em geral, é uma representação simbólica do real e evoca sempre o vivido, que é amplo, complexo e pluridimensional”.

¹³ Ver Manzatto. P. 5-11

Mas não é apenas a Teologia que se interessa pela Literatura. O inverso também ocorre. Estabelecendo-se uma linha lógica pode-se compreender facilmente: se tudo o que é humano interessa à literatura e se as experiências espirituais concretas da transcendência, de Deus e do absoluto, constitutivos do ser e da cultura humanos, bem como a crença e a religião em si, figuram enquanto realidades humanas, é compreensível o interesse do escritor e a frequência das abordagens literárias implicitamente ou explicitamente teológicas.

Tendo em mente o contexto de certa crise religiosa contemporânea, Henrique Cláudio de Lima Vaz chama a atenção para o fenômeno das *linguagens de empréstimo*. Surgiu a necessidade de uma linguagem que se adaptasse aos tempos modernos em face da desintegração da linguagem erudita teológica consolidada na Idade Média. Para conseguir veiculação necessária, a teologia teve de lançar mão do recurso de empréstimos de outras áreas da cultura, como a filosofia, a arte, a literatura – linguagens da condição humana – bem como de áreas das ciências humanas e naturais, e a história¹⁴. Mediante isso, podemos entender como se deu a aproximação entre Teologia e Literatura, como forma de “resgate da condição humana”, em sua espessura material e densidade simbólica. Assim como já foi dito, ao realizar tal resgate, a teologia conquista espaço e se faz pertinente à medida que consegue se inserir e se articular como linguagem nos planos sintático e semântico¹⁵.

As marcas bíblicas na Literatura ocidental, assim como muitos modismos das nossas línguas neste sentido, são influências indiretas do discurso inspirado - a linguagem inspirada empregada na Bíblia por seus autores – no discurso comum, ou língua comum. Para se desfazer equívocos, emprega-se aqui língua comum em relação ao seu uso, já que, o que denominamos "tipo comum" é condicionado pela linguagem ordinária de comunicação, enquanto que existe um segundo tipo empregado com acerto e empenho, isto é, imbuído de finalidade comunicativa, quer seja expressiva ou impressiva.

Fato é que a linguagem literária, assim como as demais acepções de linguagem (técnica, inspirada, emotiva, expressiva, entre outras) têm raiz comum à língua comum, terra-mãe de todas elas. Como já foi exposto acima, a linguagem literária não é e não pode ser uma

¹⁴ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. “Fé e Linguagem”. In: Escritos de filosofia: problemas de fronteira. São Paulo: Loyola, 1986. P. 159-89.

¹⁵ BARCELLOS, José Carlos. *Literatura e Espiritualidade: uma leitura de Jeunes Années, de Julien Green*. Bauru, SP: EDUSC, 2001. P. 18

depuração da linguagem utilitária, coisa que muitos equivocadamente tentam enxergar. Ao transpor o mundo utilitário para o mundo da representação a obra literária despoja-o de sua contingência e torna-o, então, profunda e extremamente significativo.

A linguagem literária procede da língua comum sim, mas em termos de potenciação. De acordo com Schokel (1986), que trata desta questão,

Nem sempre toda a riqueza das experiências que desejamos compartilhar, toda a riqueza da nossa vida interior que queremos comunicar atingem plena objetivação na linguagem comum da conversação. Esta é complementada, em boa parte, pelo contexto, pelo conhecimento prévio, pelos fatores extralógicos que podem acompanhar o diálogo. Terminada a conversa, muitas vezes sentimos a distância, a inadequação das nossas palavras, já que passaram e cumpriram de modo regular a sua tarefa. Tivemos de diluir um repentino vislumbre em meandros prolongados, uma intuição central tornou-se demasiado reflexiva ou periférica, a urgência do diálogo roubou-nos a palavra, a intensidade do sentimento inibiu, em vez de favorecer a expressão. É nesses momentos que lamentamos: 'Não sei como dizê-lo... faltam-me palavras...' (SCHOKEL, 1986, p.110).

Nesse sentido, Schokel (1986), comenta que a linguagem literária procura ir além do discurso do ornato retórico. Ela não é um complemento deste, "mas uma reavaliação total do discurso e de todos os seus diversos componentes". Assim, encadeando todos os recursos de que dispõe, todas as funções da linguagem, a fim de potencializar seu rendimento, o literato - e aqui mais especificamente o poeta - aproveita todos os recursos de sua língua com vistas à expressão própria e mesmo recursos inovadores, ainda não postos em prática. Ele a faz figurativa, ampliando-a e moldando-a, e se ela lhe resiste ou lhe falta, jamais se dá por vencido.

Contudo, potencializar não é exatamente multiplicar; a linguagem literária aprecia no mais das vezes a densidade e a concentração - força literária que estiliza, simplifica e pula espaços neutros ou desnecessários. A multiplicidade só é chegada à poesia quando se pretende à ambigüidade, composta pelo uso de imagens variadas e símbolos, evitando assim, a lógica: a literatura funde o objetivo com o subjetivo, produz uma presença quase mágica.

Desta maneira, esta incessante busca interpretativa percorre as zonas mais íntimas do pensamento humano que necessita de ao menos justificativas para o processo que envolve e embala o artista e, desta maneira, desdobra-se em traços místicos, religiosos, de intimismo ou introspecção pessoal, formas de se relacionar ou ver o mundo, percepções de emergência do

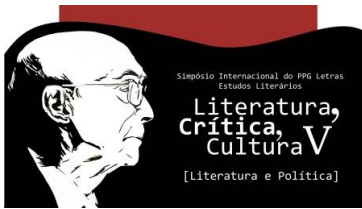


ISSN: 1983-8379

subconsciente artístico que caminham para uma tentativa de representação, construção e interpretação das questões sociais correntes.

Referências bibliográficas

- BAKHTIN, M. M. O discurso em Dostoievski. In: Problemas da poética de Dostoievski/Mikhail Bakhtin. Tradução de Paulo Bezerra.-2 ed.- Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- BARCELLOS, José Carlos. Literatura e Espiritualidade: uma leitura de Jeunes Années, de Julien Green. Bauru, SP: EDUSC, 2001.
- ESPÍNOLA, Adriano. Revista da ABL, n.01, 1975
- FERRAZ, Salma. As faces de Deus na obra de um ateu. Blumenau: Edifurb, 2003
- FERRAZ, Salma (Org. e Comp.). No princípio era Deus e Ele se fez poesia. Rio Branco, Ac.: EDUFAC, 2008
- FRIEDRICH, Hugo. A Estrutura da Lírica Moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1885
- GHIRALDELLI JR. Pulo. O crucificado na pintura e no cinema. Revista Biblioteca entrelivros Bíblia. n° 2
- JAUSS, H. R. A estética da recepção: colocações gerais. In: LIMA, L. C. (Coord., sel., notas). A literatura e o leitor: textos de estética da recepção. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002
- KUSCHEL, Karl Josef. Os Escritores e as Escrituras. Apud FERRAZ, Salma. As faces de Deus na obra de um ateu. Blumenau: Edifurb, 2003
- MANZATTO, Antônio. **Teologia e Literatura, reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado**. São Paulo: Edições Loyola, 1994
- MORIN, Edgar. **Meus demônios**. Rio de Janeiro, Bertrand, Brasil, 2000.
- ORTEGA Y GASSET, José. **A desumanização da arte**. São Paulo: Cortez, 2005, 5ª Ed.
- ROANI, Gerson. **Literatura e Judaísmo: o rosto judeu de Borges**. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2003.
- SCHOKEL, L. Alonso. **A Palavra Inspirada – A Bíblia à luz da Ciência da Linguagem**. São Paulo: Edições Loyola, 1992, 3 ed.
- SCLIAR, Moacir. **O fascinante universo bíblico**. Revista Biblioteca entrelivros Bíblia. n° 2
- SECCHIN, Antônio Carlos. **Colóquio-Letras** n. 159/160, Lisboa, 2002.



ISSN: 1983-8379

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. “Fé e Linguagem”. In: **Escritos de filosofia: problemas de fronteira**. São Paulo: Loyola, 1986.